

OUTROS ASSUNTOS

Coisas da prática médica, em Gabriel Soares de Sousa — Brasil, 1587

Léa Camillo-Coura¹, Adauto Araújo², Luiz Fernando Ferreira³

Em seu "Tratado Descritivo do Brasil de 1587", edição de 1938 da Companhia Editora Nacional, baseada na revisão de 1851 de Francisco Adolpho Varnhagen, Gabriel Soares de Sousa nos oferece uma magnífica visão do Brasil, em particular do Estado da Bahia, nos idos de 1587.

Gabriel Soares nasceu em Portugal, provavelmente em Lisboa. Em 1570, atraído pela possibilidade de enriquecimento na nova colônia e visando à concessão de privilégios nas terras que iria descobrir com o apoio da política vigente na época da União Ibérica, período dos Felipes da Espanha, acompanhando Francisco Barreto, chegou à Bahia, onde resolveu fixar-se, tornando-se senhor de engenho nas margens do rio Jequiricá e participando, bandeirante que foi, dos primórdios da colonização do país. No regresso à Europa com a finalidade de requerer concessões, oferece, em 1587, a D. Christóvam de Moura a preciosa descrição do Brasil, de sua época de que ora nos ocupamos. Retornou ao Brasil em 1591 como "capitão-mor e governador das conquistas e descobrimentos do Rio de S. Francisco", na urca flamenga Grifo-Dourado, trazendo "360 homens, incluindo quatro religiosos carmelitas, um dos quais, Fr. Hieronymo de Canavezas, veio a ser depois provincial"; nesta expedição, Gabriel Soares pretendia chegar ao Rio São Francisco em busca de minas de pedras e metais pre-

ciosos descobertos por seu irmão, João Coelho de Souza, falecido, que "lhe mandara entregar a sua derrota por um portador de confiança" a fim de que conseguisse, na Corte, direitos para continuar a exploração da região, e que lhe foi concedida em 1590 por alvarás mandados passar por Estevão da Gama. A excursão sofre uma série de vicissitudes, culminando com a morte do próprio Gabriel Soares sem que houvesse atingido seus objetivos, o que atrasou o início da colonização de Minas.

No seu primoroso livro, o autor descreve com elegância e rara precisão aspectos da corografia do país, iniciando com o "Roteiro Geral com longas informações de toda a costa do Brasil" do Rio Amazonas à ponta do Rio da Prata, passando, na segunda parte, à descrição topográfica da Bahia, analisando-lhe, ainda, as plantas, inclusive "hervas medicinais", aves, crustáceos, insetos, mamíferos, batráquios, himenópteros, mamíferos marinhos, moluscos e outros; traz esmerada visão etnográfica da população indígena da Bahia e de outros gentios que habitavam as vizinhanças e litoral do país; estudou, assim, os hábitos dos Potiguaros, dos Caitês, dos Aimorés, dos Tupiniquins, dos Goitacazes, dos Papanazes, dos Tamoios, dos Goianazes, dos Tupinambás, a quem dedica uma grande parcela da sua atenção, dos Tupinaés, dos Amoiptiras, dos Ubirajaras, dos Tapuias e dos Maracás. Sua descrição é clara, sua maneira de dizer simples, mas de tal maneira precisa, que este grande escritor quinhentista nos permite, com sua leitura, vivenciar um Brasil dos anos 500 que só conhecemos através das referências de nossos historiadores.

Já no próêmio de sua obra, Gabriel Soares de Sousa mostra-se maravilhado com a grandeza e a riqueza do país, a que se refere textualmente "pois está capaz para se

edificar n'elle um grande império, o qual, com pouca despesa d'estes reinos se fará tão soberano que seja um dos Estados do mundo": terá sido, assim, dos primeiros a levantar a bandeira da soberania e quiçá da independência da colônia.

* * *

De seu livro, pouco conhecido fora dos especialistas, transcrevemos, com a finalidade de divulgar obra que retrata atilada capacidade de observação, algumas passagens interessantes sobre o emprego de plantas e carnes de animais no tratamento ou como auxiliar na cura de doenças à época, às quais se fazem também algumas referências.

Capítulo XXXIII, pg. 177: "Em que se começa a declarar a fertilidade da Bahia e como se n'ella dá o gado da Espanha"; refere-se o autor aos *porcos** da Bahia, os quais são muito tenros e saborosos... A carne dos porcos é muito sadia e saborosa, a qual se dá aos doentes como galinha e come-se todo o ano por em nenhum tempo ser prejudicial".

Capítulo XLI, pg. 193: "Que trata do muito para que presta as raízes de carimã": "Muito é para notar que de uma mesma cousa saia peçonha e contrapeçonha, como da mandioca". As raízes curtidas em água e postas a secar sobre o fogo três a quatro palmos do chão servem para várias utilidades, "a principal serve de *contrapeçonha para os mordidos de cobra*". "E também serve esta carimã para os meninos que têm lombrigas, aos quais se dá a beber desfeita na água, como fica dito, e *matalhes as lombrigas todas*. Da mesma farinha de carimã se faz uma massa que posta sobre *feridas velhas* que têm carne podre lh'a come toda, até que deixa a ferida limpa; e como os Índios estão doentes, a sua dieta

*os grifos são dos autores

¹Pesquisador Titular — FIOCRUZ. Membro Titular da Academia Nacional de Medicina

² Pesquisador Adjunto, Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) — FIOCRUZ.

³ Professor Titular, Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) — FIOCRUZ

é fazerem deste pó do carimã uns caldinhos no fogo (como os de poejo) que bebem, com que se acham muito bem por ser muito leve, e o mesmo usam os brancos no mato lançando-lhe mel ou açúcar, com o que se acham bem”.

Capítulo XLV, pg. 199: “Em que se contém o milho que se dá na Bahia e para o que serve”: “Costuma este gentio dar suadouros com este *milho cozido aos doentes das boubas*, os quais tomam com o bafo d’elle, com o que se acham bons: dos quais suadouros se acham são alguns homens brancos e mestiços que se valem d’elles; o que parece mysterio, porque este milho é de natureza frio”.

Capítulo XLIX, pg. 207: “Daqui por diante se dirá das árvores de frutos comendo nos cajus e cajuis”. Diz o autor “A natureza d’estes *cajus* é fria e são medicinais para doentes de *febres*, e para quem tem fastio, os quaes fazem *bem ao estômago*, e muitas pessoas lhes tomam o sumo pela manhã em jejum, para *conservação do estômago*, e fazem bom bafo a quem os come pela manhã, e por mais que se coma d’elles não fazem mal a nenhuma hora do dia, e são de tal digestão que em dous cretos se esmoam”.

Capítulo L, pg. 208: “Em que se declara a natureza das *pacobas e bananas*”. “Dão-se estas *pacobas* assadas *aos doentes* no lugar de maçãs...”

Capítulo LII, pg. 211: “Em que se diz de algumas árvores de fruto que se dão na vizinhança do mar da Bahia”. Referindo-se às *mangabas* “...a qual cheira muito bem e tem suave sabor, é de boa digestão e faz *bom estômago*, ainda que comam muitas; cuja natureza é fria, pelo que é muito boa para *aos doentes de febres* por ser muito leve”. Referindo-se ao cajá “...o sabor é precioso, com ponta de azedo, cuja natureza é fria e sadia; dão esta fruta *aos doentes de febre* por ser fria e apetitosa...”

Capítulo LIV, pg. 215: “Em que se diz de algumas árvores de fruto afastadas do mar”. “*Genipapo* é uma árvore que se dá ao longo do mar e pelo sertão, de cujo fruto aqui tratamos somente... Quando esta fruta é pequena faz-se d’ella conserva, e como é grande antes de amadurecer tinge o sumo d’ella muito, com a qual tinta se tinge toda a nação do gentio... Tem virtude esta tinta para *fazer secar as bustelas das boubas* aos índios, e a quem se cura com ella”.

Capítulo LIV, pg. 216: “Os *araçazeiros* são outras árvores que pela maior parte se dão em terra fraca na vizinhança do mar... Ao fruto chamam *araçazes*, que são da feição das *nêspers*... Esta fruta se come toda, e tem ponta de azedo mui saborosa, da qual se faz marmelada, que é muito boa e melhor para *aos doentes de cambras*. Pino é uma árvore comprida... O seu fruto nas-

ce em ouriço... os quais *pinos*, lançados em água fria, incham e ficam muito desenfatiados para comer, e são bons para *dores de cabeça*...”

Capítulo LV, pg. 220: “Em que se contam muitas castas de palmeiras que dão fruto pela terra da Bahia no sertão e algumas junto ao mar”. “...os índios chamam *pin-doba*... em os quais cachos tem os cocos tamanhos como peras pardas grandes e tem as cascas de fora como coco, e outra de dentro de um dedo grosso, muito dura, e dentro d’ella um miolo massiço com esta casca...; e de uma maneira e outra é bom mantimento para o gentio quando não tem mandioca, o que faz deste coco azeite para suas *mesinhas*”.

Capítulo LVI, pg. 223: “Em que se declara aservas que dão fruto na Bahia, que não são árvores”. “...*maracujá*... Esta fruta é fria de sua natureza e boa para *aos doentes de febres*”.

Capítulo LVIII, pg. 226: “Em que se declara as propriedades dos ananazes não nomeados”. “*Os ananazeiros*... A natureza deste fruto é quente e humido, e muito danoso para quem tem ferida ou chaga aberta; os quaes *ananazes* sendo verdes são proveitosos para curar *chagas* com elles, cujo sumo come todo o câncer, e carne podre, do que se aproveita o gentio”.

Capítulo LVIII, pg. 227: “Daqui por diante se vão arrumando as árvores eervas de virtude que há na Bahia”. “...a árvore do bálsamo que se chama *cabureiba*... o qual é milagroso para curar *feridas frescas* e para tirar os sinais d’ellas no rosto”.

Capítulo LVIII, pg. 227: “De tão santa árvore como a do bálsamo merece ser companhia e vizinha a que chamam de *copaiba*, a qual não dá fruto que se coma, mas um óleo santíssimo em virtudes. ...Este óleo tem muito bom cheiro, e é excelente para curar *feridas frescas*, e as que levam pontos da primeira cura soldam, se as queimam com elle, e as estocadas e feridas que não levam pontos se curam com elles sem outras mezinhas; com o qual se cria carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrupção nem matéria”.

Capítulo LIX, pg. 229: “Em que trata da virtude da embaiba e caraobuçu e caraobamirim”. “*Embaiba* é uma árvore comprida e delgada. Tem o olho desta árvore grandes virtudes para curarem *feridas*, o qual depois de pisados se põe sobre feridas mortas, e se curam com elle com muita brevidade, sem outros unguentos, e o entrecasco d’este olho tem ainda mais virtude, com o que se curam também feridas e chagas velhas; e taes curas se fazem com o olho d’esta árvore, e com o óleo do *copaiba*, que se não ocupam na Bahia cirurgiões, porque cada um o é em sua casa”. “*Caraobuçu* é uma árvore como pecegueiro...; cuja

casca é delgada; da folha se aproveitam os índios, e com ella pisada curam *boubas*, pondo-a com o sumo em cima das *bostellas* ou *chagas*, com o que se seccam muito depressa; e quando isto não basta, queimam em uma telha estas folhas e com o pó d’ellas, feitas em carvão, seccam estas *bostellas*; do que se aproveitam os Portugueses, que tem necessidade d’este remedio para curarem seus males, de que muitos tem muitos”. “*Caraobamirim* é outra árvore da mesma casta... tem a folha mais miúda, da qual se aproveitam como da *caroba* de cima, e dizem que tem mais virtudes; com as folhas d’esta árvore cozidas, tomam os Portugueses doente d’estes males *suadouro*, tomando o bafo desta água, estando muito quente, de que se acham muito bem; e lhês faz sair todo o humor para fora e seccar as *bostellas*, tomando d’estes novos suadouros, e o sumo da mesma folha bebido por xarope”.

Capítulo LX, pg. 230: “Que trata da árvore da almacega e de outras árvores de virtude”. “Esta *almacega* é muito quente por natureza, da qual fazem emplastos para defensivo da *frialdade*, e para soldar carne quebrada, e para fazer vir a furo *postemas*, os quaes faz arrebentar por si e lhes chupa de dentro os *carnegões* e *derretida* é boa para escaldar *feridas frescas*, e faz muita vantagem é trebentina de beta; com a qual almacega se fazem muitos unguentos e emplastos para as *quebraduras de pernas*, à qual os índios chamam *icaica*”.

“*Corneiba* é uma árvore, que na folha, na flor, na baga e no cheiro é a *aoeira da Hespanha*, e tem a mesma virtude para *aos dentes*”.

pg. 231 — “*Cuipeúna* é uma árvore pontualmente como a murta de Portugal... da qual muito se usa na Misericórdia para *cura dos pacientes* e para todos os *lavatórios*, para que ella serve, porque tem a mesma virtude *deseccativa*”.

“...*mucunás* — “Estas favas para comer são peçonhentas, mas tem grande virtude, para curar com ellas *feridas* velhas d’esta maneira. Depois de serem estas favas bem seccas, hão-se de pizar muito bem, e cobrir as *chagas* com os pós d’ellas, as quaes comem todo o cancer e carne podre”.

“Criam-se n’esta terra árvores semelhantes às de cura, que se atrepam por outras maiores, que se chamam *cipó das feridas*, as quaes dão, umas favas aleonadas... cuja folha pizada e posta nas *feridas*, sem outros unguentos, as cura muito bem”.

Capítulo LXI, pg. 232: “Daqui por diante se vai relatando as qualidades daservas de virtude que se criam na Bahia, e comecemos logo a dizer da herva santa e outraservas semelhantes”. “*Petuna* é a herva que em Portugal chamam *santa*... pelo que não diremos d’esta herva senão o que

é notório a todos, como é matarem com seu summo os vermes que se criam nas *feridas e chagas* de gente descuidada; e com a qual se curam também as chagas e feridas das vaccas e das egoas sem outra couça, e com o summo d'esta herba se encouram. Deu na costa do Brasil uma praga no gentio, como foi *adoecerem de sêssô*, e criaram bichos n'elle, da qual doença morreu muita somma d'esta gente, sem se entender de que, e depois que se soube o seu mal, se curaram com esta herba santa, e se curam hoje em dia os tocados d'este mal, sem terem necessidade de outra mezinga... e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhes sahia pelas ventas fóra. Afirmam os indios que quando andam pelo matto e lhes falta o mantimento, matam a fome e sêde com este fumo; pelo que o trazem sempre consigo; e não há dúvida que este fumo tem virtude contra a *asma*, e os que são doentes d'ella se acham bom com elle, cuja natureza é muito quente".

Pg. 233 — "*Pino* é pontualmente na folha como os que em Portugal chamam figueira do inferno. Esta herba dá um fruto cheio de bagos, tamanhos como avelãs, todos cheios de bicos, cada um d'estes bagos tem dentro um grão pardo tamanho como feijão, o qual pizado se desfaz com azeite, que serve na candeia; bebido serve tanto como *pinga* da cana-fistula; e para os doentes de *cólicas*, bebido este azeite, se lhe passa o acidente logo; as folhas desta árvore são muito boas para desafogarem *chagas e postemas*".

"*Jeticucu* é uma herba que nasce pelos campos...; deitam estas hervas umas raízes por baixo da terra como batatas, que são maravilhosas para *purgar*; do que se usa muito na Bahia; as quais raízes se cortam em talhadas em verdes... e seccam-nas muito bem ao sol; e tomam d'estas talhadas, depois de secas, para cada *purga* o pezo de dous reales de prata, e lançando em vinho ou em água muito bem pizado se dá a beber aos doentes de madrugada, e faz maravilha. D'estas raízes se faz conserva em assucar raladas muito bem, como cidrada, e tomada pela manhã uma colher d'esta conserva faz-se com ella mais obra, que com o assucar rozado de Alexandria".

Pg. 234: "*Pecacuem* são uns ramos que atrepam como parra... suas raízes são como de junça brava... as quaes tem grande virtude para estancar *cameras*; do que se usa tomando uma pequena raiz pizada e lançada em água; posta a serenar e dada a beber ao doente de *cameras do sangue*, lh'as faz estancar logo".

Capítulo LXII, pg. 234: "Em que se destaca o modo como que se cria o algodão, o de sua virtude, e de outras hervas que fazem árvores". "*Camarã* é uma herba que nasce pelos campos, que cheira a herba ci-

dreira, ...Cozidas as folhas e flores d esta herba, tem a sua água muito bom cheiro e virtude para sarar *sarna e comichão* e para *seccar chagas* de boubas lavando-as com água quente; do que usa muito n'aquelas partes".

"Nas campinas da Bahia se dão *urzes* de Portugal... dos quaes ramos cozidos na água se aproveitam os indios para seccar qualquer *humor ruim*".

"As canças da Bahia chama o gentio *ubã*... raízes que lavram a terra muito; as quaes cozidas em água tem a mesma virtude *deseccativa* que as de Hespanha".

"*Jaborandi* é uma herba... a folha cheira a hortelã francesa...; a água cozida com estas folhas é loura e muito cheirosa e boa para lavar o rosto, ao barbear; quem tem a *boca damnada*, ou *chagas n'ella*, mastigando as folhas d'esta herba, duas a três vezes cada dia, e trazendo-as na boca, a cura muito depressa; queimadas estas folhas, os pós d'ellas alimpam o *cancer das feridas*, sem dar nenhuma pena, e tem muitas outras virtudes".

"*Jaborandiba*... Quem se lava com ella cozida nas partes eivadas do fígado, lh'as cura em poucos dias; e cozidos os olhos e comestos, são saníssimos para este *mal do fígado*; e mastigadas estas folhas e trazidas na boca, tiram a *dor de dente*".

Capítulo LXIII, pg. 237: "Em que se declara virtude de outras hervas menores". "...o gentio chama *tararucu* e os Portuguezes *fedegosos*... estas folhas deitam muito sumo se as pizam; o qual da natureza é muito frio e serve para desafogar *chagas*; com este fumo curam o *sêssô* dos indios e das galinhas; porque criam n'elle muitas vezes bicho de que morrem, se lhe não acodem com tempo".

Pg. 238: "*Capeba*... é de natureza frigidissima com cujas folhas passadas ao ar do fogo, se desafoga toda a *chaga e inchação* que está esquentada, pondo-lhes estas folhas em cima" "...*guaxima* ...folhas muito pequenas... e posta sobre *chagas e coçaduras* das pernas que tem fogagem, as desafoga, e encouram com ellas, sem outros unguentos".

"...os gentios chamam *caapiá*, e os Portuguezes malvaico... da qual usam os médicos da Bahia, quando é necessário, para fazerem vir a furo as *postemas e inchações*". "*Peipeçaba* é uma herba que se parece com balverde... da qual fazem as vassouras na Bahia...; cuja maturação é fria, a qual pizam os indios e curam com ellas *feridas frescas*; e também entre os Portuguezes se cura com o summo d esta herba o *mal de sêssô*, para o que tem grande virtude".

Capítulo XCIV, pg. 285: "Em que se declara a natureza das antas no Brasil. Apon-tamentos das alimarias, que se criam na Ba-

hia e da condição e natureza d'ellas". E começemos das antas a que os indios chamam *tapiruçu*... Os ossos d'estas alimarias queimados e dados a beber são bons para estancar *camaras*".

Capítulo XCIX, pg. 292: "Que trata da natureza e estranheza do jaguaracaca". "*Jaguaracaca* é um animal do tamanho de um gato grande... o qual é estranho e fedorento... A carne deste bicho é boa para estancar *camaras de sangue*".

Capítulo CVI, pg. 300: "Que trata dos cágados da Bahia". "Em qualquer parte da Bahia, se acham muitos *cágados*... cuja carne é muito gorda, saborosa e *sadia para os doentes*".

Capítulo CXXIX, pg. 333: "Que trata do *peixe-boi*... o qual tem os dentes como o boi, e na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata, feita em tres peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem grandes virtudes contra a *dor de pedra*".

Capítulo CXXXV, pg. 341: "Que trata de algumas castas de peixe medicinal". "*Jagoaraça* é um peixe que morre à linha, tamanho como cachuchos... e são tão leves que se dão *aos doentes*".

"Tomam-se na Bahia outros peixes que são pontualmente na feição, na cor, no sabor os *salmonetes* da Hespanha, ...são tão leves que se dão *aos doentes*".

"*Piracaquona* é um peixe da feição dos safios de Portugal; ...é peixe saboroso e muito leve para *os doentes*".

"*Atucupa* são uns peixes pequenos, e largos como chopas...este peixe se dá *aos doentes*".

"*Goayibicoati* são uns peixes azulados pequenos... muito gordos e saborosos, e *leves para os doentes*; e outros muitos peixes há muito medicinais para doentes e de muita substância, que por não enfadar não digo d'elles".

Capítulo CXLIV, pg. 356: "Que trata da natureza e feições dos peixes de água doce". "Cria-se n'estes rios outros peixes a que os indios chamam *saquari* que são do tamanho e feição das choupas de Portugal... e tem a pele grossa, a qual os indios tem por *contrapeçonha* para mordeduras de cobras e outros bichos".

Capítulo CLXV, pg. 386: "Que se trata de como se este gentio cura em suas enfermidades". "São os Tupinambás muito sujeitos a doenças de *boubas*, que se pegam uns aos outros mormente enquanto são meninos... os quais não fazem outros remédios senão fazer-lh'as seccar; quando lhe sahem para fora, os que fazem com as tingirem com *genipapos*, e quando isto não basta, curam-lhe estas bustellas das boubas com as folhas da caraoba... Em alguns tempos e lugares, mais que outros, são estes indios doentes de *terção e quartãs*...as

quais febres não fazem nenhuma cura se não comendo uns mingaus, que são uns caldos de farinha de *carimã*... e untam-se com água de genipapo, com o que ficam todos tintos de preto, ao que tem grande duração”.

“Curam estes índios algumas *postemas* e *bexigas* — com sumo de *ervas da virtude* ...e quando se sentem carregados da *cabeça*, *sarjam* nas fontes, e aos meninos *sarjam*-nos nas pernas, quando tem *febre*, mas em *sêcco*; o que fazem as velhas com um dente de cotia muito agudo, que tem para isso”.

“Curam as grandes *feridas* e *flexadas* com umas *ervas*, que chamam *caburaiba*, que é milagrosa, e com outras *ervas*, de cujas virtudes fica dito atrás no seu título; com as quaes *curam o cano*, que se lhes enche muitas vezes de *cancere*; e as *flexadas* penetrantes e outras *feridas*, de que se vêm em perigo, curam por um estranho modo, fazendo em cima do fogo um leito de varas largas uma das outras, sobre as quais deitam os feridos, com as *feridas* boca abaixo em cima d’este fogo, pelas quaes com a *quentura* se lhes sobe todo o sangue que tem dentro e a *humidade*; e ficam as *feridas* sem nenhuma *humidade*; as quaes depois curam com *oleo* e o *balsamo*, ou *ervas*, de que já fizemos menção, com o que têm saúde poucos dias”.

“D’estes índios andarem sempre nus, e das fregueirices que fazem dormindo no chão, são muitas vezes doentes de *corrimento* a que elles chamam de *caivaras*, de que lhes doe as juntas; das quaes são os *feiticeiros* grandes médicos, chupando-lhe com a boca o lugar onde lhes doe, onde as vezes lhe mette os dentes, e tira da boca algum pedaço de ferro, pão ou outra cousa, que lhes mette na cabeça tirar d’aquelle lugar onde chupava, e que quando lhe doia lhe *sahira* fora, onde se lhe tinge com genipapo, com que dizem que se acha bom logo”.

Capítulo CXCIV, pg. 429: “Em que tira das pedras verdes e agua que se acham no sertão da Bahia”. “No mesmo sertão ha muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas muito rijas, de que o gentio também faz pedras para trazer nos beiços roliças e compridas... e podem se tirar da pedreira pedaços de sete a oito palmos, e estas pedras tem grande virtude contra a *dor de colica*”.

Entre as doenças descritas destacam-se:

Capítulo XCII, pg. 281: “Que trata das *vespas* e *moscas*”. “*Merús*, são outras *moscas* grandes e azuladas que mordem muito... e logo fazem rebentar o sangue pela mordedura; aconteceu muitas vezes pôrem ellas *varejas* a homens que estavam dormindo, nas orelhas, nas ventas e no ceo

da boca, e lavraram de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morreram alguns disso”.

Capítulo XCIII, pg. 282: “Que trata dos mosquitos, grillos, bezouros e brocas que há na Bahia”. “Digamos logo dos mosquitos, o que chamam *nhitinga*, e são muito pequenos e da feição das moscas... Estes são amigos de *chagas*, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se vão pôr em qualquer cossadura de pessoas sãs, deixam-lhe a peçonha n’ella, do que se vêm muitas pessoas se encher de *boubas*”. “*Pium* é outra casta de mosquitos, tamanhos como pulgas grandes com azas: e em chegando estes à carne, logo sangram sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborracham; os quais estão cheios de sangue; cuja mordedura causa muita *comichão* depois, e querer-se esprimida do sangue por não fazer *guadanhão* na carne”.

Capítulo CXI, pg. 307: “Que trata das cobras de coral e das gereracas”. “Pelos matos e ao redor das casas se criam umas cobras a que os índios chamam *gereracas*... se põem às tardes ao longo do caminho esperando a gente que passa, em lhe tocando com o pé, lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com alguns defensores, *não dura a mordida vinte e quatro horas*;... essas gereracas tem a peçonha nos dentes”.

Capítulo CXXIV, pg. 326: “Que trata das pulgas e piolhos, e dos bichos que se criam nos pés”. “...bichos...que se metem nos pés da gente, a que os índios chamam *tunga*, os quaes são pretinhos, pouco maiores que orixos. Criam-se em casas despovoadas... e em casas sujas de negros que não se alimpam, e de brancos que fazem o mesmo... mas os preguiçosos e sujos que nunca lavam os pés, deixam estar os bichos n’elles, onde vem a crescer, e fazem-se tamanhos como camarinhas e d’aquela cor; porque estão por dentro todos cheios de lendeas, e como arrebentam vão estas lendeas lavrando os pés do que vem a fazer grandes *chagas*”.

Capítulo CLXI, pg. 382: “Que trata dos *feiticeiros* e dos que *comem terra* para se matarem”. “Entre esse gentio Tupinanbá há grandes *feiticeiros*... Tem esse gentio outra barbaria muito grande, que se tomam qualquer desgosto, se anojam da maneira que determinam de morrer, e põem-se a *comer terra*, cada dia um pouco, até que vem a definir e inchar do rosto e olhos, e a morrer d’isso, sem lhe ninguem poder valer, nem desviar de se quererem matar, o que affirmam que lhe ensinou o diabo, e que lhes aparece, como se determinam a comer terra”.

Capítulo CLXXVII, pg. 405: “Que trata de como entre os Tupinanbás há muitos *mamelucos* que descendem dos France-

ses, e de um indio que se achou muito alvo”... “E não é de espantar, serem estes descendentes dos Franceses alvos e louros pois que sahem a seus avós; mas é de maravilhar trazerem do sertão, entre outros Tupinanbás, um *menino de dez anos* para doze, no anno de 1586, que era *tão alvo* que de o ser muito não podia olhar para a claridade, e tinha os cabellos da cabeça, pestanas e sobrancelhas, tão alvas como algodão, com o qual vinha seu pai, com quem era natural, que toda pessoa que o via, o julgava por esse sem os conhecer; e não era muito preto, e a mãe que vinha na companhia, era muito preta; e pelas informações que se então tomaram dos outros Tupinanbás da companhia, achou-se que o pai d’este indio branco não descendia dos Franceses, nem elles foram áquelas partes, d’onde esta gente vinha, nunca, e ainda que este menino era assim branco, era muito feio”.

* * *

Evidentemente Gabriel Soares de Sousa trabalha com conceitos médicos da época. A medicina portuguesa ainda era medieval, entretanto, devido a sua arguta capacidade de observação, podemos referir alguns possíveis diagnósticos baseados em paradigmas atuais.

O autor descreve, assim, quadros clínicos sugestivos de verminoses intestinais. Por exemplo, no Capítulo CLXI, refere-se a uma manifestação, comum entre os índios, que provocava edema da face e os levava a comer terra. Na edição do “Tratado Descritivo do Brasil” (ou “Notícia do Brasil”), comentada pelo médico Pirajá da Silva, este resalta a descrição clara das manifestações clínicas da anemia por ancilostomose. Fonseca (1972) utilizou-se desse argumento para reforçar as teorias de Darling (1920) e Soper (1927) sobre a possível origem pré-colombiana da ancilostomose; esses autores basearam suas hipóteses no encontro da infecção por *Ancylostoma duodenale* em tribos indígenas isoladas do contato com os colonizadores europeus. Mais tarde esses dados confirmaram-se com a paleoparasitologia, pelo encontro de ovos de ancilostomídeos em coprólitos humanos, datados de até 7.000 anos do presente, coletados em sítios arqueológicos na América do Sul (Ferreira et al., 1988).

Por outro lado, no texto de Gabriel Soares há referência a uma enfermidade curiosa a que denomina “mal de sesso”, o que significa “doença dos assentos” ou das “nádegas”. No Capítulo LXI associa esta doença à presença de “bichos” e diz que houve uma grande mortandade entre os índios, até que se encontrasse sua causa e tratamento. O “mal de sesso” ou “maculo”, “mal del culo”, ou ainda “mal do cu”, é descrito

também por outros cronistas dos séculos XVI e XVII como prolapso retal com a presença de "bichos" ou "vermes", que podem ser tanto larvas de dípteros, portanto miíase anal, como helmintos, como o *Trichuris trichiura*. Nesse caso, cita-se este parasito como causa primária do prolapso retal, causando um processo inflamatório muscular e conseqüente perda progressiva do tônus muscular da região ano-retal (Pessoa & Martins, 1977). Entretanto, embora descrito com certa clareza tanto por Gabriel Soares como em outros cronistas, o mal de sesso não pode ser diagnosticado com precisão, permanecendo como curiosidade e como provável doença que se extinguiu no tempo.

Deve-se, ainda, destacar a referência sobre a transmissão de uma doença, a que chama "chagas", e que se dá por intermédio de mosquitos (nhitinga); ressalta o autor que estes chupam a peçonha das chagas e a transmitem a outras pessoas. Segundo Neiva (1941) "Gabriel Soares assegura, como se fosse um homem moderno, o papel de determinado díptero na transmissão de um mal".

São doenças de referência freqüente na

obra de Gabriel Soares, além das já mencionadas, as "doenças de febres"; as "câmeras de sangue"; estas provavelmente diarreias de etiologia parasitária (curam-se com *pecacuem* o que sugere tratar-se, em muitos casos, de amebíase, sensível ao tratamento com emetina) ou infecciosa, feridas e postemas; ocasionalmente o autor faz menção à dor de cabeça; dor de dentes, dor de pedras (cólica renal), mordeduras de cobras, presença de lombrigas, malária (Gabriel Soares é provavelmente o primeiro a mencionar a malária entre índios), "doença de cano", corrimento, tunga, albinismo, entre outras, para quase todas indicando procedimentos e "medicamentos" curativos empregados à época. Destaque-se, ainda, no Capítulo CLXV, a referência ao aparecimento de dor nas juntas em índios com corrimento, o que nos leva à hipótese de artrite gonocócica; relata, ainda, no que respeita a doenças sexualmente transmitidas, além de corrimento, "por andarem sempre nus e das fregueirices que fazem no chão"; a ocorrência da chamada "doença do cano, que se lhes enche muitas vezes de cancre", lembrando, assim, a possibilidade de cancro.

Foi, portanto, Gabriel Soares de Sousa um homem de extraordinária visão para sua época, contribuindo, com sua excelente obra, para o conhecimento do Brasil nos seus primórdios coloniais, com incursões significativas na área das coisas da parasitologia e da prática médica de antanho.

Referências

- 1. DARLING ST — Observations on the geographical and ethnological distribution of hookworms. *Parasitology*, 12: 217-233, 1920.
- 2. FERREIRA LF, ARAÚJO A, CONFALONIERE U — Paleoparasitologia no Brasil. Rio de Janeiro, PEC/ENSP, 158 pp., 1988.
- 3. FONSECA O — Parasitismo e migrações humanas pré-históricas. Mauro Familiar, Ed., Rio de Janeiro, 446 pp., 1972.
- 4. NEIVA A — Um Notável Precursor de Observações Parasitológicas na América do Sul. In: Ribeiro L. Medicina do Brasil, pg. 51-59. Imprensa Nacional, 1940.
- 5. PESSOA SB, MARTINS AV — Parasitologia Médica. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1977.
- 6. SOPER FL — The report of a nearly pure *Ancylostoma duodenale* infestation in native South American Indians and a discussion of the ethnological significance. *American Journal Hygiene*, 7: 174-184, 1927.
- 7. SOUSA GS — Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Companhia Editora Nacional, São Paulo-Rio-Recife, Porto Alegre, 1938.